

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Elaine da Fonseca Ramos (UFOP)

elainemariana35@gmail.com

Clézio Roberto Gonçalves (UFOP)

cleziorob@gmail.com

RESUMO

Assim, como SOARES (2003, p. 31), este trabalho considera Letramento como sendo “... o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita”. Por sua vez, este artigo considera Alfabetização como “a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto” (SOARES, 2003). Este trabalho tem como objetivo geral: refletir sobre a importância do Letramento nas séries iniciais do Ensino Fundamental e, como objetivos específicos: compreender como a literatura infantil contribui para o desenvolvimento do letramento das crianças; demonstrar a importância da literatura infantil como meio de estímulo à imaginação e à criatividade da criança. Realizou-se, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica, considerando-se as contribuições de diversos autores, como Albert (2014), Almeida (2014), Antunes (2003), Cruz (2012), Geraldi (2011), Rojo (2009) e Soares (2003; 2004). Conclui-se que o uso da literatura infantil é capaz de despertar as emoções e os sentimentos do pequeno leitor, levando-se as crianças a internalizarem as informações, dando-lhes novos significados.

Palavras-chave:

Alfabetização. Letramento. Ensino Fundamental. Literatura Infantil.

1. Introdução

O presente trabalho versa sobre a importância do letramento nas séries iniciais do Ensino Fundamental, considerando-se que o termo letramento é novo no Brasil e que, às vezes, é confundido com o termo alfabetização. No entanto, é preciso levar em consideração que são processos distintos e indissociáveis. O primeiro termo vai além do segundo, pois para Soares (2003, p. 31), “letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. E alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto”.

Defendemos, aqui, que alfabetização é um processo que começa antes da criança entrar na escola. Desse modo, não basta que ela apenas decodifique as letras ou os sons. É preciso colocar em prática a leitura e a escrita nos diversos contextos. Para isso ocorrer, alfabetizar letrando é fundamental. Sendo assim, os professores das séries iniciais precisam estimular as crianças durante a aprendizagem com recursos didáticos

diversificados que abordem a realidade delas para torná-las aptas nas práticas de leitura e de escrita.

Este trabalho tem como objetivo geral: refletir sobre a importância do letramento nas séries iniciais do Ensino Fundamental e, como objetivos específicos: (i) compreender como a literatura infantil contribui para o desenvolvimento do letramento das crianças; (ii) demonstrar a importância da literatura infantil como meio de estímulo à imaginação e à criatividade da criança.

No intuito de facilitar a compreensão, este artigo foi organizado em tópicos, tendo a seguinte sequência: O letramento e a alfabetização: diferentes conceitos; O letramento no Brasil; O letramento: práticas de leitura e escrita; Alfabetizar letrando; Letramento infantil: contribuições da literatura infantil; e, por último, as Considerações finais.

A fim de apreendermos o objeto de estudo, utilizamos como recurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, a partir de análise de material de autores que abordam sobre o assunto tratado, tendo como autora principal Soares (2003, 2004), e como pilares, as autoras Rojo (2009), Almeida (2014), entre outros.

2. O Letramento e a Alfabetização: diferentes conceitos

Para Soares (2010, p.31), “a alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto⁵.” Por sua vez, Tfouni (2004, p. 09) defende que “a alfabetização refere-se à aquisição da escrita, enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem.” Ainda para a autora, a alfabetização ocorre individualmente e aí reside um problema. Segundo Tfouni (2004), entender a alfabetização como um processo individual de habilidades de leitura e escrita significa que ela não é completa e refere-se apenas à instrução formal e às práticas escolares. Em decorrência disso, a pesquisadora Tfouni (2004, p.15) afirma que, “por esse motivo, muitas vezes, se descreve o processo de alfabetização, como se ele fosse idêntico aos objetivos que a escola se propõe enquanto lugar onde se alfabetiza.” Além disso, a alfabetização pode ser vista também

⁵Conforme Soares (2014), a palavra alfabeto pode causar estranhamento na expressão “tornar alfabeto”. Seu uso é pelo fato de na língua portuguesa não ter o antônimo da palavra alfabeto.

como processo de representação⁶, ou seja, não como mera decodificação de sinais gráficos de leitura e escrita, mas em conformidade com Tfouni (2004, p.19) que atesta que, “(...) respeitar o processo de simbolização – e este a criança vai percebendo que a escrita representa, na medida do próprio desenvolvimento da alfabetização”.

Em se tratando do termo letramento, Soares (2010, p.18) defende que o termo “é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência (sic) de ter-se apropriado da escrita.” Dessa forma, a alfabetização é o caminho para o letramento. Para Tfouni (2004, p. 20) “(...), o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Na concepção atual, a alfabetização não antecede ao letramento, são simultâneos. São processos diferentes, mas indissociáveis. O termo alfabetização é um vocábulo de uso corrente, enquanto que o termo letramento ainda não é claro. Por isso, frequentemente são confundidos. Sendo assim, o conceito de letramento tem ameaçado a especificidade do processo de alfabetização, conforme se verifica em:

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama de alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento. (SOARES, 2003, p. 90)

Alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever. Enquanto que letrado⁷ é o ser capaz não só de ler e escrever, mas também, compreender e fazer uso da leitura e da escrita em diversos contextos. Conforme Tfouni (2004, p. 23), “(...) o termo letrado não tem um único sentido, nem descreve um fenômeno simples e uniforme. Pelo contrário, está intimamente

⁶Tfouni (2004, p. 19) atesta que, “sob este segundo enfoque, então, a alfabetização não é mais vista como sendo o ensino de um sistema gráfico que equivale a sons. Um aspecto que tem que ser considerado nessa nova perspectiva é que a relação entre a escrita e a oralidade não é uma relação de dependência da primeira à segunda, mas é antes uma relação de interdependência, isto é, ambos os sistemas de representação influenciam-se igualmente”.

⁷Para Tfouni (2004), a palavra iletrado não pode ser usada como o contrário de letrado, pois na sociedade moderna, iletramento equivaleria a grau zero de letramento e isto não existe.

ligado à questão de mentalidades, da cultura e da estrutura social como um todo”.

As pessoas aprendem a ler e a escrever, se alfabetizam, mas nem sempre praticam a leitura e a escrita em seu cotidiano. A falta de hábito por tais práticas dificulta o desenvolvimento das competências necessárias para utilizá-las ou se envolverem nas práticas sociais da escrita como ler livro, jornal, revista, elaborar carta, etc. Isso faz com que as pessoas sintam dificuldades para escrever um simples telegrama ou um e-mail, entender um texto etc.

Defendemos, aqui, que letrar é mais que alfabetizar, ou seja, além de ensinar a ler e a escrever, é o uso constante da leitura e da escrita em diversos contextos. E é dever da escola, inserir o aluno em um mundo letrado, que desperte nele a vontade de ler e saber usar a escrita em várias situações. De acordo com Cunha (2010, p. 12), “o letramento desenvolve a habilidade de utilizar a capacidade de leitura e escrita para responder às exigências que a sociedade determina constantemente”.

3. O letramento no Brasil

A palavra letramento em português é uma tradução direta do inglês *literacy*⁸, traduzido como leitura e escrita. Em contrapartida, Tfouni (2004) faz um alerta ao uso do termo *literacy*, pois, conforme a bibliografia da língua inglesa, a palavra em questão pode ter uma variedade de definições e visões. Entre elas, uma definição voltada apenas para a aquisição da escrita e da leitura, podendo ser confundida com alfabetização; outra perspectiva é o termo estar relacionado a produto, ou seja, relacioná-lo com o progresso da civilização, ao desenvolvimento tecnológico e a uma terceira perspectiva, ligada ao cognitivismo. Isto é, entende-se que o saber e as competências da escrita já estão inseridos nos indivíduos, além de buscar explicar o que a criança faz e aprende. Portanto, elas têm em comum, as habilidades de leitura e escrita. Já para Picoli (2010), a palavra *literacy* foi traduzida em distintas versões como alfabetização, alfabetismo, letramento, lectoescrita e cultura escrita. Ainda para a pesquisadora, isto é possível devido ao dinamismo da língua para se referir a processos ligados à leitura e à escrita.

⁸Para Tfouni (2004), a palavra iletrado não pode ser usada como o contrário de letrado, pois na sociedade moderna, iletramento equivaleria a grau zero de letramento e isto não existe.

Soares (2003) defende que o termo é novo e seu conceito é recente. Por sua vez, Paulino e Passos (2004) defendem que, o conceito de Letramento é complexo. Além disso, as autoras (2004, p. 11) afirmam que, “(...) ele abarca dois fenômenos muito diferentes, apesar de complementares: a leitura e a escrita.” De acordo com Soares (2014), o vocábulo foi introduzido no vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas no Brasil em meados dos anos 80. Acrescentamos, aqui, a posição de Picoli (2010), que, segundo ela, na atualidade, o termo letramento é abrangente, por percorrer vários espaços, desde conversas informais até revistas pedagógicas, por exemplo.

Soares (2003, p. 31) defende que, “letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita.” Todo indivíduo que faz uso constante da leitura e da escrita em seu dia a dia, pode ser considerado letrado.

O letramento é múltiplo, pois ele ocorre em diferentes contextos sociais como casa, escola, trabalho, rua, loja etc. Aparece através de diversas formas, como Letramento visual, literário, crítico, multicultural, musical, acadêmico, digital entre outros. Isto determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. Em decorrência disso, Bertolucci (2009, p. 108-9) afirma que, “assim, o letramento é determinado contextualmente e culturalmente, ou seja, para cada situação e contexto, novas práticas de letramento são utilizadas”.

Conforme Soares (2014) demonstra, há outros estudiosos de explicitaram noções e reflexões sobre o tema. A saber, a autora Mary Kato, em seu livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, fez a primeira referência, no Brasil, ao termo letramento em 1986. Já em 1988, a autora Leda Verdiani Tfouni, em seu livro “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso”, lançou o termo letramento no mundo da educação, fazendo distinção da palavra alfabetização de letramento. Nos anos 90, o termo letramento começou a ser bastante utilizado, como no livro da autora Ângela Kleiman “Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita” publicado em 1995; da autora Leda Verdiani Tfouni com o livro “Alfabetização e letramento”, também publicado em 1995. Conforme Picoli (2010), Paulo Freire foi o precursor no Brasil do conceito de letramento em seu livro “A importância do ato de ler”, por entender que a leitura não se restringe à mera decodificação da linguagem escrita, mas sim, à expansão para a compreensão de mundo, ou melhor, a alfabetização começa com a leitura de mundo para culminar na leitura da palavra.

Nessa perspectiva, Picoli afirma que:

A concepção de alfabetização freireana é, portanto, um ato político, criador e de conhecimento que pode ser relacionada ao conceito de letramento em uma perspectiva sociológica, já que o entendimento crítico do ato de ler ultrapassa a decodificação da linguagem escrita, estendendo-se na compreensão do mundo e na ação política do ser humano na sociedade. Tal relação justifica o fato de Freire ser considerado o precursor de uma concepção brasileira de letramento, mesmo sem utilizar tal denominação. (2010, p. 261)

Segundo Soares (2003), o termo letramento, em meados dos anos 80, foi reconhecido por diversos países tanto distantes geograficamente quanto com culturas variadas e socioeconomicamente diferentes, em um mesmo momento histórico, devido às necessidades de reconhecimento e nomeação de práticas sociais de leitura e escrita mais evoluídas e complexas que o simples ato de ler e escrever, denominado alfabetização.

De acordo com a educadora, o letramento, no Brasil, surgiu associado aos processos de alfabetização, ou seja, vinculado à aprendizagem inicial da escrita e da leitura.

Em virtude disso, Soares afirma que:

(...) os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem. Esse enraizamento do conceito de letramento no conceito de alfabetização pode ser detectado tomando-se para análise fontes como os censos demográficos, a mídia, a produção acadêmica. (SOARES, 2003, p. 07)

Para Soares (2003), tal associação do termo letramento ao de alfabetização é perceptível nos censos demográficos, porque esses, em busca de identificar o desenvolvimento de leitura e escrita dos indivíduos, expandiram o conceito de alfabetização. Pois, aquele que se declarasse saber ler e escrever o próprio nome era considerado alfabetizado. Portanto, o PNAD, Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios, tem apresentado seus resultados pelo critério de anos de escolarização. Sendo assim, fica oculto, nessa forma de avaliação, que, com o decorrer da escolaridade, o sujeito deverá ser capaz não só de ler e escrever, mas também, fazer o uso constante dessas práticas no cotidiano.

Soares (2003, p. 8) afirma que, “a mídia vem, pois, assumindo e divulgando um conceito de alfabetização que o aproxima do conceito de letramento.” A autora quer nos mostrar que não só o censo demográfico faz tal associação, mas também, a mídia. Exemplo disso, ela faz referência a uma reportagem sobre a divulgação do censo em 1991, em que o jornal

Folha de São Paulo divulgou sobre os resultados da alfabetização no Brasil, acrescentando a seguinte acepção de Soares (2003, p.8) “mas o número de desqualificados é muito maior.” O termo desqualificado referia-se àqueles que eram considerados analfabetos funcionais, ou seja, sabiam ler e escrever, mas com baixa escolaridade.

Em relação à produção acadêmica, as palavras alfabetização e letramento, conforme Soares (2003), estão lado a lado, isto é, quase sempre associadas. Isso é percebido em diversas produções escritas, como “Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso” de Leda Verdiani Tfouni (1988), “Alfabetização e letramento”, de Roxane Rojo (1998) e outros mais.

4. *O Letramento: práticas de leitura e escrita*

Este tópico tem como base o conceito de letramento abordado por Soares (2002, p. 145), como “(...) é o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação.” Nessa perspectiva, podemos entender o letramento, como práticas de leitura e de escrita, em diversos contextos constantemente. Desse modo, o indivíduo demonstra ter habilidades e competências e participação ativa em variados eventos de letramento, em que a escrita e a leitura são fundamentais.

Para o aluno fazer uso da leitura e da escrita em variados contextos sociais, ele precisa adquirir esse hábito. Além do incentivo da família, a escola também é um local importante de estimulação, por ser considerada agência de letramento. Por isso, ela tem a função não só de ensinar o discente as habilidades necessárias de leitura e escrita, mas também, de fazer com que esse aluno se torne um indivíduo letrado, fazendo uso competente da leitura e da escrita em diversos contextos. Mas, segundo Antunes (2003), a escola ainda deixa muito a desejar sobre o ensino de leitura e escrita, por ainda focar em um ensino apenas mecânico com uma prática de escrita artificial e inexpressiva, sem função e com uma prática de leitura focada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem estímulo, totalmente desvinculada dos inúmeros usos sociais que se faz da leitura hoje.

Desse modo, Geraldi (2011, p. 39) afirma que, “apesar do ranço de muitas dessas afirmações e dos equívocos de algumas explicações, é

necessário reconhecer um fracasso da escola e, no interior desta, do ensino de língua portuguesa tal como vem sendo praticado na quase totalidade de nossas aulas”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental (PCNs) afirmam, em relação ao ensino com a leitura na escola, que:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. (PCNLP, 1997, p. 37)

Conforme Ribeiro (2003), em virtude desse novo processo de alfabetização, o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), na tentativa de avaliar o desenvolvimento das habilidades e práticas relacionadas à leitura e à escrita da população brasileira, realizou uma pesquisa em 2001, com uma população de jovens e adultos em geral, na faixa etária entre quinze e 64 anos de idade, independente do nível de escolaridade atingido.

Como resultado, Ribeiro (2003, p. 13) mostra que, “de fato, das duas mil pessoas entrevistadas no INAF 2001, só 385 estudavam à época da entrevista; quase a metade (182), ainda no Ensino Fundamental; outras 144, no Ensino Médio e o restante, no Ensino Superior”. Portanto, constatou-se que, saber ler e escrever é uma competência que pode ser desenvolvida em diversos níveis, ou seja, certos níveis de habilidades de leitura e escrita não são suficientes para habilitar um indivíduo a escrever uma carta, uma resenha ou ler um bilhete. Isto se deve ao fato do fenômeno de letramento ser múltiplo e complexo.

Em relação à mesma pesquisa, Rojo afirma que:

(...) os resultados trazem uma boa nova: contrariamente ao propalado⁹, o brasileiro lê e gosta de ler, quando pode, para se distrair. Só não lê o que a cultura valoriza e a escola espera que leia. Os dados mostram que 67% dos entrevistados de diferentes classes sociais, gêneros e escolaridade gostam de ler para se distrair e também que, como era de se esperar, há uma relação direta entre escolarização e gosto pela leitura. Por exemplo, são os mais

⁹ A pesquisa do INAF em 2001 apresentou o seguinte dado: “(...) os resultados mostram que, em termos de níveis de alfabetismo, apenas 26% da população brasileira tem domínio pleno das habilidades de leitura e escrita...” (ROJO, 2009, p. 46).

citados como pessoas que influenciaram o gosto pela leitura dos entrevistados os professores (37%), a mãe (36%) e o pai (24%). (ROJO, 2009, p. 47)

Para Rojo (2009), a leitura de textos literários não é presença forte entre os leitores brasileiros, por estar relacionado às condições econômicas e, por depender da região. A leitura de textos impressos mais privilegiados pelos brasileiros são os bíblicos, pois 46% dos entrevistados possuem bíblia. Enquanto que, apenas 30% possuem romances, literatura de aventura, policial ou ficção. Sendo, apenas, 20% preferem ler e escrever poesias¹⁰.

Outro dado relevante, apresentado por Rojo (2009), é que as mulheres têm mais acesso à leitura que os homens e também elas escrevem mais. Assim, percebemos que, no Brasil, o acesso à leitura e à escrita, mesmo que através de leituras bíblicas, tem se desenvolvido entre as pessoas em diversos contextos.

Apesar da pesquisa apresentada por Ribeiro e Rojo (2009), Silva afirma que:

Hoje, em pleno século XXI, ainda temos muito que caminhar e conquistar. Embora o acesso à escola e ao Ensino Fundamental seja um direito garantido nas leis nacional, muitas pessoas passam pela escola e saem sem saber ler e escrever como deveriam, isso tudo por uma série de fatores sócio - culturais e econômicos que interferem diretamente no processo de escolarização. (SILVA, 2010, p.18)

Conforme pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, em 2016, a taxa de analfabetismo no Brasil foi de 7,2%, ou seja, são 11,8 milhões de pessoas consideradas analfabetas. Além disso, verificou-se que as desigualdades educacionais têm caráter regional, sendo no Nordeste, a taxa de analfabetismo varia em torno de 14,8% e, no Sul, em média, 3,6%. Percebemos, aqui, que, apesar dos avanços na educação, o Brasil ainda é um país, em pleno século XXI, com um alto número de indivíduos que não sabem ler e nem escrever. E a situação se agrava em relação aos negros e pardos, pois a taxa de analfabetismo entre eles é de aproximadamente 9,9%. Enquanto que, para os brancos, a média é de 7,4%, dados do IBGE¹¹ também mostram, em concordância com a pesquisa de Rojo, que as mulheres se destacam em relação à escolaridade, pois apenas 7% delas são analfabetas. Além disso, pessoas com 25 anos

¹⁰ Defendemos, no entanto, que leitura vai a além de material impresso, ou seja: redes sociais, whatsapp, blogs, twitters, páginas de internet em geral etc.

¹¹ A pesquisa do IBGE foi realizada com pessoas de 15 anos ou mais.

ou mais, cerca de 66,3 milhões tinham concluído apenas o Ensino Fundamental.

Sabemos que a sociedade, hoje, está cada vez mais centrada na escrita. Apenas saber ler e escrever, isto é, codificar e decodificar as palavras não são condições suficientes para ser letrado. O indivíduo apenas será um ser alfabetizado. Dessa forma, o sujeito não conseguirá corresponder com as exigências do mundo moderno. Sendo assim, alfabetizar letrando os alunos na escola torna-se um desafio grande para os professores.

Silva (2010) verificou, através de sua pesquisa realizada em uma escola da cidade de Criciúma (SC) que, de forma geral, os professores¹² do Ensino Fundamental fazem confusão na hora de definir alfabetização e letramento e ainda preferem o modelo tradicional de ensino por facilitar o trabalho do professor em sala de aula. Isto é, um dos fatores que interferem no ensino, pois se um docente não tem clareza no que precisa ensinar e não trabalha com o auxílio da ludicidade¹³, o aprendizado fica comprometido, pois as aulas ficam desestimulantes e cansativas. Muitas vezes, o ensino não foca as práticas sociais de leitura e escrita, pois o aluno precisa saber ler e interpretar o mundo em que vive para assim poder atuar na sociedade como um ser crítico-reflexivo.

Em contrapartida, Magalhães, em sua pesquisa de mestrado, intitulada “Alfabetizar letrando: mudanças (im)previsíveis no Ensino Fundamental de nove anos”, realizada na Escola Municipal Rennê Gianetti, na cidade Ouro Preto, Minas Gerais, constatou que é possível despertar nas crianças, o hábito pela leitura de livros literários. Para isso ocorrer é fundamental que o professor alfabetizador tenha uma prática pedagógica que oportunize as crianças às vivências de práticas de letramento, por meio de inúmeras manifestações literárias. Além disso, Magalhães (2014, p.72) afirma que, “dentro desse contexto, utilizar o livro literário infantil nas práticas pedagógicas é proporcionar o encontro do alfabetizando com o

¹² “Por exemplo: A professora E2 afirma que alfabetização é o ato de ensinar o estudante a ler e escrever, enquanto que letramento é a decodificação das palavras. Nessa mesma linha de pensamento, a professora F1 entende ser a Alfabetização um processo de reconhecimento do código alfabético e o seu uso social como meio de interação, enquanto que Letramento é o reconhecimento do aluno da escrita como função social” (SILVA, 2010, p.30).

¹³ Para maiores esclarecimentos, ver: *Pedagogia do brincar: a ludicidade nos processos educativos*. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/pedagogiadobrinca/o-que-e-ludicidade/>> Acesso em 05 jul 2018.

mundo das letras, é preparo para o descobrimento de um mundo diferente e inseri-lo nas práticas sociais de leitura e escrita”.

Em concordância, Silva afirma que:

A criança, ao ter contato com as diferentes linguagens e ao compreendê-las e utilizá-las, apropria-se dos recursos de textualidade que lhe permitem expressar-se com maior clareza e criatividade. A mediação pelas diferentes linguagens na e pela escola possibilitará o aprendizado de leituras mais críticas e das mais variadas possibilidades de organização textual. (SILVA, 2010, p.22)

O contato constante do discente com a variedade textual que circula na sociedade, possibilitará a ele, uma amplitude de saberes que facilitará a leitura de mundo. Dessa maneira, pensar a alfabetização na perspectiva do letramento significa vivenciar situações de leitura e escrita diversificadas, de forma a proporcionar ao aluno o desenvolvimento de seu senso crítico e reflexivo.

5. *Alfabetizar Letrando*

As crianças chegam à escola com bastantes informações. O professor precisa ajudar a criança a organizar o conhecimento e facilitar o entendimento para inseri-la no mundo letrado. Sendo assim, Albert (2014) defende que, o processo de letramento antecede o de alfabetização, pois o ato de ver, ler e compreender as coisas que o rodeia no seu cotidiano significa práticas de letramento. Dessa maneira, a autora ressalta que, um indivíduo pode ser letrado e não alfabetizado e vice-versa. Com isso, ela quer dizer que, as crianças podem saber ler e escrever, entretanto, podendo ter dificuldades nas práticas de leitura e escrita como escrever uma carta, um bilhete, um recado etc. Dessa forma, podemos entender que o letramento inicia antes mesmo da criança conhecer as letras e as formas de escrita. Mediante as vivências do dia a dia na sociedade, com a família ou qualquer outro tipo de interação social que possibilita as crianças a participarem das práticas do letramento de forma intensiva, por meio de situações diversas com o contato com a língua escrita nos diversificados ambientes. Quanto a isso, Coelho (2010, p. 81) alega que, “(...) tais interações e formas de comunicações proporcionam às crianças, além da segurança para se expressar, a descoberta de diferentes gêneros culturais”.

Em relação a alfabetizar letrando, Almeida afirma que:

Alfabetizar letrando é desenvolver ações significativas de aprendizagem sobre a língua, de modo a proporcionar situações onde a criança possa

interagir com a escrita a partir de usos reais expressos nas diferentes situações comunicativas, sendo este algo possível desde a educação infantil. Isto implica levar para a sala de aula uma diversidade textual que possibilite às crianças refletirem sobre a língua que se escreve a norma culta ou padrão. (ALMEIDA, 2014, p. 213)

Segundo Magalhães (2014), após realizar sua pesquisa, na Escola Municipal Renê Giannetti, na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, constatou que as professoras do 1º Ano do Ensino Fundamental trabalham na perspectiva do “alfabetizar e letrar os alunos”, por meio de três projetos intitulados “Semana na biblioteca”, “Sacola literária” e “Contação de histórias na biblioteca”, cujo objetivo é estimular a apreciação de leituras literárias e proporcionar às crianças situações de letramento, por meio de inúmeras manifestações literárias como teatro, leituras, reconto de histórias lidas e contação de histórias.

Não é tarefa fácil alfabetizar letrando, visto que, faz-se necessário trabalhar com a diversidade textual na sala de aula principalmente com textos relacionados ao cotidiano do aluno. O professor tem a responsabilidade de selecionar bons textos, incentivando a prática constante de leitura e escrita e a reflexão dos usos da língua em contextos variados. Além disso, perceber a necessidade da criança e provocar nela, o desejo para a aprendizagem por meio de atividades motivadoras, que despertem curiosidades e indagações. Desse modo, o processo de alfabetização ocorre dentro da perspectiva do letramento. Portanto, Magalhães (2017, p.80) afirma que “a Escola Municipal Renê Giannetti insere seus alunos em práticas que desenvolvem o letramento literário e cria espaços para a leitura dos livros infantis”.

Segundo Almeida (2014), a proposta pedagógica nas séries iniciais deve focar o desenvolvimento da criança na perspectiva do letramento. A inserção dela, desde cedo, na cultura letrada, irá prepará-la para saber usar a língua em diversos contextos. Situações de letramento, presentes no cotidiano da criança, com linguagens variadas, possibilitará a ela, a compreensão que a estrutura e a organização que os textos com diferentes funções como uma carta, uma notícia de jornal, uma receita de bolo, um gibi etc. Em conformidade, Magalhães atesta que:

A ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento. Diante disso, compete ao professor alfabetizador propiciar aos alunos o contato com os diferentes gêneros textuais que circulam na sociedade e, simultaneamente, considerar o ensino sistemático da leitura e da escrita. (MAGALHÃES, 2017, p. 64)

Devido ao avanço das tecnologias e da informação no mundo atual e constantes mudanças na área educacional, é exigido do docente, novas práticas pedagógicas que despertem no aluno, o interesse pela escrita e pela leitura. Sendo que, não é apenas tarefa do professor de Língua Portuguesa, todos devem contribuir para inserir o aluno no mundo letrado, pois a escola é um local permanente de conhecimento. Com isso, desenvolver práticas de leitura e de escrita, sob diferentes aspectos, é o reconhecimento da função social da escrita, conforme se verifica em Almeida (2014), quando afirma que:

As práticas de letramento devem ocorrer de forma reflexiva a partir da apresentação de situações problemáticas, em que, as crianças revelem espontaneamente as suas hipóteses e sejam levados a pensar sobre a escrita, participar, ler e escrever com função social, utilizar textos significativos, interagir com a escrita, utilizar textos reais, que circulam na sociedade, utilizar a leitura e a escrita como forma de interação. Em atividades de produção coletiva de textos, o educador deve atuar como escriba, propor a reescrita da história pelas crianças, assim é possível refletir sobre o que as crianças escrevem e como se escreve. (ALMEIDA, 2014, p. 216)

Para Almeida (2014), há necessidade de vincular o letramento à alfabetização nas práticas pedagógicas alfabetizadoras de forma que o trabalho do professor contemple a proposta de alfabetizar letrando, isto é, que a codificação das letras e dos sons esteja associada às práticas sociais de utilização da escrita. Portanto, na sociedade em que vivemos, não basta apenas ler e escrever, é preciso entender o que se lê e o que se escreve e saber fazer uso da língua em diversos contextos. Conforme Magalhães (2017), é fundamental a criação de momentos específicos de leitura que estimule a participação do aluno na história lida, proporcionando-lhe o estímulo, a fluidez da imaginação, a recriação da história e que saiba fazer inferências sobre o que leu.

6. O letramento infantil: contribuições da literatura infantil

De acordo com Cruz (2012), o termo literatura é proveniente do latim *litterae*, que denomina letras. Portanto, ela é a arte de ler e escrever. Emanuel (2011, p. 200) cita, em seu texto “Literatura infantil: o rei a rainha, o monstro e o herói – construindo um olhar sobre a literatura”, a definição da autora Meireles sobre literatura infantil como sendo “A literatura infantil é aquela que as crianças leem com agrado e não aquela que é escrita para as crianças”. Além disso, o autor (2011) defende a ideia de que literatura infantil não é necessariamente uma literatura para criança, ou seja, é aquela que atende às expectativas do leitor.

A literatura propicia o encontro do leitor com o mundo a sua volta, ampliando o conhecimento sobre o mundo. Ela tem poder na formação intelectual e emocional, porque permite ao leitor conhecer bens culturais e a capacidade de vivenciar experiências de outras sociedades. Por isso, os termos literatura e cultura são indissociáveis. Para Magalhães (2017, p. 71), “a leitura de textos literários contribui na formação do leitor criativo e autônomo, visto que, os horizontes propostos pela literatura são ilimitados e suas interpretações, dada a natureza polissêmica da palavra literária, são infinitas”.

A criança, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, inicia seu processo de autonomia como leitor. Por isso, o professor precisa propor momentos que incentivem a leitura individual e compartilhada. A roda de leitura, em sala de aula, é fundamental para estimular a leitura, pois além de abordá-la, ocorrem trocas de opiniões, troca de livros, conhecimento adquirido etc. É através do contato com os livros, que as crianças começam a desenvolver sua autonomia. Em concordância, Oliveira (2010, p.45) afirma que, “o leitor, ao entrar em contato com o livro, estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam”.

Mesmo sendo organizadas com o objetivo de desenvolver uma conversa, as crianças são induzidas a responderem uma única pergunta direcionada a todos, em coro ou uma por uma, tendo o adulto como foco. Dessa forma, entendemos que, as aulas devem ser diversificadas, abordando assuntos variados, ou seja, práticas pedagógicas que estimulem e motivem as crianças pelo aprendizado da leitura e da escrita, de maneira a torná-las seres alfabetizados e letrados, como pessoas que pensam, que constroem interpretações, ou melhor, sujeitos capazes de construir o próprio conhecimento.

Sabemos que o papel da escola, importante agência de Letramento, é formar leitores críticos, competentes, fluente, hábil e outros. Ou seja, capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo através da interpretação. Para isso, é preciso que a leitura seja uma prática constante nas práticas escolares. A criança que lê, melhora a escrita, a leitura e o senso crítico. Os textos literários são meios importantes para desencadear reflexão, interrogação, vivência da realidade, por meio da fantasia, da verossimilhança e do imaginário. Conforme pesquisa de Magalhães (2017, p. 80), a “Escola Municipal Renê Giannetti insere seus alunos em práticas que desenvolvem o letramento literário e cria espaços para a leitura dos livros infantis”.

A literatura infantil é fonte importante para estimular a imaginação das crianças, pois, a literatura é um dos meios para elas buscarem uma forma de manifestar suas emoções, conhecimentos e reportá-las a situações e lugares com os quais se identifica. Por sua vez, Emanuel (2011, p. 201) afirma que “essa identificação ocorre também com os personagens, seja pelos desafios que enfrentam emoções e conquistas que experimentam, seja pelo caldeirão de sensações e sentimentos que fazem a criança mergulhar num mundo mágico onde tudo é possível.” Nesse sentido, a literatura torna-se um importante caminho para o professor apresentar aos seus alunos.

A criança, com o exercício da leitura, internaliza as informações e, por meio delas, adquirem habilidades de ver as coisas com novos sentidos. Além disso, os textos literários contribuem para a criança vivenciar a realidade do mundo de forma mais branda.

A literatura exerce influência no desenvolvimento da criança como possibilidade de conquista de espaço, de formação e de crescimento. Devido à ligação entre o real e a fantasia, estimula o desenvolvimento cognitivo, favorecendo o prazer pela leitura, provocando curiosidades por novas descobertas e viagens por meio da leitura.

Magalhães afirma conforme sua pesquisa realizada na Escola Municipal René Giannetti, que:

Verificamos que o livro literário é uma ferramenta valiosa para o professor e para a escola em busca de uma melhor qualidade de aprendizagem. Por isso, a criança, quando inserida em um contexto de alfabetização e letramento literário, desenvolve a criatividade, a linguagem, a imaginação e a significação em seu meio, contemplando práticas de leitura e escrita na sala de aula e em todo contexto social. (MAGALÃES, 2017, p. 81)

Portanto, cabe ao professor estimular a criança a vivenciar o mundo da leitura por meio de atividades que favoreçam a prática da leitura e da escrita, sempre com o objetivo de aproximá-la do hábito de ler e de escrever. Para isso, o docente precisa utilizar metodologias significativas, tornando as aulas de leitura dinâmicas e prazerosas.

6. Considerações Finais

Sabemos que uma criança pode se tornar letrada antes mesmo de entrar na escola, pois as vivências com a família poderão proporcionar-lhe situações do cotidiano que a integre às práticas de leitura e de escrita, como: leitura cotidiana de histórias para as crianças, incentivo dentro de casa de práticas da escrita, jogo pedagógico estimulador do exercício da

leitura, ida regular a teatro ou a cinema, visita a exposições, além de outros hábitos culturais.

Espera-se que, quando a criança chega à escola, se ela já tem uma bagagem cultural em formação, pelo incentivo da família, o processo de alfabetização se torne mais fácil. Para que o letramento dessa criança continue se desenvolvendo, o professor alfabetizador precisará realizar uma prática pedagógica, não voltada para a decodificação das palavras, mas sim, de forma a inserir a criança em situações de leitura e escrita que foquem as práticas sociais. Sendo assim, a abordagem do letramento nas séries iniciais do Ensino Fundamental é de extrema importância, pois a criança precisa desenvolver a leitura e a escrita, desde cedo, para não só desenvolver a linguagem, mas também, o raciocínio lógico, o senso crítico, o exercício da leitura e interpretação de mundo a sua volta. Desse modo, letrar é mais do que alfabetizar. A criança que vive em um ambiente letrado torna-se capaz de ler e escrever em contextos diversos.

Para o letramento ocorrer, deve-se levar em consideração o contexto em que a criança está inserida. A escola é o espaço privilegiado para o desenvolvimento do letramento infantil. Com isso, ela deve oferecer às crianças, um ambiente rico em ludicidade, com recursos didáticos variados e bem selecionados para instigá-las e deixá-las aptas a praticar da leitura e da escrita.

A literatura contribui para a formação do sujeito, pois ela o coloca em contato com a arte, ajuda a desenvolver o senso crítico e instiga a imaginação do leitor, colocando-o em contato com novos sentimentos, novas emoções, novos conceitos etc. Por isso, ela se torna um instrumento importante na formação do leitor principalmente das crianças, pois além de estimular a imaginação, faz com que elas experimentem um mundo novo que as leva a uma reflexão sobre o que lê, o que vê, o que vive, fazendo uma leitura do mundo a sua volta etc.

Portanto, a literatura infantil é um meio de estímulo à imaginação e à criatividade da criança, por abordar temas da vida cotidiana de forma consciente, apurada e delicada. Sendo assim, a relação da literatura para a criança com o letramento é, acima de tudo, a forma de como tratar as questões do dia a dia, ou melhor, utilizar uma linguagem simples, sendo capaz de despertar as emoções e os sentimentos do pequeno leitor, levando as crianças a internalizarem as informações, num exercício constante para dar novos significados e valores ao mundo em que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Vanessa Fulaneti, FARAGO, Alessandra Corrêa. A importância do letramento nas séries iniciais. In: *Cadernos de Educação: ensino e sociedade*. Centro Universitário UNIFAFIBE. Bebedouro – São Paulo, 2014. p. 204-18

ALBERT, Évelin. Letramento no contexto da educação infantil: uma análise com crianças de 0 a 2 anos. PUCRS. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S4/evelinalbert.pdf/>> Acesso em: 04 jun. 2018.

ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003. p. 01-85

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Secretaria da Educação Fundamental, Brasília, 1997.

COELHO, Silmara. O processo de letramento na educação infantil. In: *Revista Pedagogia em Ação*, v. II, nº 2, novembro, 2010.

CRUZ, Mônica Aparecida de Oliveira. As múltiplas dimensões do trabalho com a literatura na educação infantil. In: *Procedimentos Metodológicos da Educação Infantil*. v. II. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

EMANUEL, Adriana Vaz Efísio. Literatura infantil: o rei a rainha, o monstro e o herói – construindo um olhar sobre a literatura. In: *Procedimentos Metodológicos e Educação Infantil*. v. I. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Anglo, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam apenas o ensino fundamental completo. Editoria Estatísticas Sociais. Brasil, 2016. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam-apesnas-o-ensino-fundamental-completo.html>> Acesso em: 22 jun. 2018.

MAGALHÃES, Rosângela Márcia. Alfabetizar letrando: uma prática de sucesso na formação de leitores. In: CORRÊA, Hércules T. TONINI, Adriana M. (Orgs.). *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa*

Letramentos múltiplos e multiletramentos: entre teorias e práticas. Várzea Paulista: M & W Comunicação Integrada, 2017. p. 61-84

_____. *Alfabetizar letrando: mudanças (im) previsíveis no ensino fundamental de nove anos.* 2014. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação-Práticas Educativas, Metodologias de Ensino e Tecnologia da Educação) Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Ouro Preto, Minas Gerais, 2014, p.72-121. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/3551/1/DIS-SERTA%C3%87%C3%83O_AlfabetizarLetrandoMudan%C3%A7as.pdf> Acesso em: 24 jun. 2018.

OLIVEIRA, Ana Arlinda. *O professor como mediador das leituras literárias.* Coleção Explorando o Ensino de Literatura do Ensino Fundamental. v. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PAULINO, Graça. PASSOS, Marta. Ler e entender: entre a alfabetização e o letramento. In: *Revista de Estudos*, nº 2. Setembro, 2004.

PICCOLI, Luciana. Alfabetizações, alfabetismos e letramentos: trajetórias e conceitualizações. In: *Educação e Realidade*. v. 35. n. 03. Porto Alegre, set./dez., 2010, p. 257 – 275. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade> Acesso em: 18 jun. 2018.

RIBEIRO, Vera Masagão. *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001.* São Paulo, 2003.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.* São Paulo: Parábola, 2009.

SILVA, Karoline Nair Figueredo da. *Alfabetização e letramento: da educação infantil aos anos iniciais do ensino fundamental.* 2010. 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura de Pedagogia) Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/215/1/Karoline%20Nair%20Figueredo%20da%20Silva.pdf>> Acesso em 06 jun. 2018.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros.* 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.* Educação e Sociedade. Campinas. v. 3. n. 81. dez, 2002. Disponível em: www.scielo.br . Acesso em: 16 set. de 2014.

- _____. *Alfabetização e letramento*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed.. BH: Autêntica, 2004.
- _____. Alfabetização e letramento, caminhos e descaminhos. *Revista Pápio*, ano VIII, n. 29, p. 20, fev/abril, 2004.
- _____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação*, 2003.
- _____. *Letramento e escolarização: letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF de 2001*. São Paulo: Global, 2003.
- _____. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. In: *Revista Brasileira de Educação*. n. 0. set/out,nov/dez, 1995.
- TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 01- 38

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Sistema de Bibliotecas e Informação. Guia para normalização bibliográfica de trabalhos acadêmicos. Ouro Preto, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.sisbin.ufop.br/>>. Acesso em: 24 jun. 2018.